

■ PARTE 3 ■

FENOMENOLOGIA E
INTENCIONALISMO

INTRODUÇÃO

O século XIX foi rico em criatividade filosófica. A revolução copernicana de Kant assentou as bases do idealismo alemão, que se desenvolveu especialmente com o pensamento de Fichte, Schelling e Hegel, o que, por sua vez, gerou movimentos de protesto e de crítica, especialmente com as obras de Kierkegaard, Marx, Schopenhauer e Nietzsche. O sistema filosófico de Hegel, ponto culminante do idealismo, entrou em crise. Ao longo desse século, o pensamento mais tipicamente kantiano também foi ficando à margem para só ressurgir com força no século XX, com as escolas neo-kantianas alemãs de Baden e de Marburg. O *hegelianismo* ainda permaneceu como fonte de estudos que servia para principalmente explicar o desenvolvimento do *marxismo*. Apenas em 1922, com *História e consciência de classe* foi que G. Lukacs reabilitou o *hegelianismo*, o que foi completado pela publicação dos textos juvenis de Marx. No entanto, o marxismo e o *hegelianismo* voltaram a esmorecer com o fracasso do socialismo real. A filosofia anglo-saxã seguiu seu curso independente desde Locke, Berkeley e Hume e adquiriu um caráter ainda mais peculiar com Bertrand Russell e G. Moore, mesmo tendo a influência do filósofo da lógica alemão Gottlob Frege. Esta corrente filosófica crescerá ao longo do século XX muitas vezes ocupando o vazio deixado pelo *hegelianismo de esquerda*. Em meio a essas vagas de pensamento, surgiu uma corrente filosófica que teria uma grande influência no século XX e que se prolonga até os dias atuais. Trata-se da *fenomenologia*

intencional. A rigor, ela parte das indagações de Franz Brentano sobre o pensamento de Aristóteles, mas seu mais proeminente recriador e divulgador foi Edmund Husserl, cuja obra gigantesca influenciou, entre outros, o pensamento de Martin Heidegger, Max Scheler, Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Jacques Derrida, Alfred Schutz, E. Levinas e Paul Ricoeur. Na primeira metade do século XX, surge também um filósofo que levará a noção de fenomenologia intencional a um “giro lingüístico”. Trata-se de Ludwig Wittgenstein.

Mas se o pai da fenomenologia-intencional foi Husserl, o seu avô foi Brentano. Por isso, comecemos com ele.

■ CAPÍTULO 1 ■

BRENTANO E O INTENCIONALISMO

Este capítulo visa introduzir o aluno na terminologia básica da fenomenologia e do intencionalismo definindo-os e apresentando o “avô” desse movimento filosófico: Franz Brentano. Faz um rápido esclarecimento biográfico desse filósofo e põe em destaque alguns elementos de sua obra mais importante, conhecida e que influenciou outros autores.



Franz Brentano

“A consciência é sempre consciência de alguma coisa.”

Franz Brentano nasceu na cidade de Marienberg am Rhein, Alemanha, em 1838. Estudou em universidades alemãs. Foi durante algum tempo frade dominicano. De 1870 a 1873 participou de um acalorado debate sobre a infalibilidade papal que o levou a uma crise de fé na instituição eclesiástica e a abandonar o hábito monacal. Dedicou-se então ao magistério da filosofia a princípio na Universidade de Würzburg e depois na de Viena. Em 1874, publicou a sua obra mais importante *A psicologia de um ponto de vista empírico*. Para casar-se teve de renunciar à cidadania austríaca, tornando-se um simples professor auxiliar sem as prerrogativas dos catedráticos. Afastou-se então para Florença, onde viveu até a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Morreu em Zurique, em 1917. Sua vida e escolhas foram-no distanciando dos grandes centros irradiadores da filosofia, como a Alemanha, a França e a Inglaterra, o que contribuiu para que a influência de seu pensamento não tivesse uma expressão ainda mais ampla. Quando da sua morte, a fenomenologia era basicamente entendida como obra de Husserl e de seus discípulos. Daniel Dennet (1942-) e John Searle (1932-) voltaram a ocupar-se da noção de intencionalidade, mas desconhecem por completo a origem brentaniana de suas teorias. Nos dias de hoje, porém, vê-se um crescente interesse pela obra de Brentano, inclusive em centros anglo-saxões, como Cambridge, que, por muito tempo, foram arredios à filosofia europeia de cunho teutônico e latino. O século XXI tenta fazer justiça àquele filósofo que influenciou profundamente o século XX, mas um século que, enfim, o manteve à margem e praticamente esquecido.

A obra de Brentano se estende desde a teoria do conhecimento e a ontologia até reflexões de cunho ético e teológico. Ao contrário dos *filósofos sistemáticos*, porém suas abordagens eram pontuais, isto é, focava-se num determinado problema filosófico e tentava lhe dar uma solução ou então, caso não o conseguisse, ao menos elaborava uma sugestão de encaminhamento. Muitos dos seus alunos, como Husserl, construíram duas doutrinas filosóficas a partir dessas sugestões. E mesmo um filósofo tão importante como Martin Heidegger orientou todo seu pensamento sobre o “ser” a partir da leitura da obra de Brentano: “Sobre os múltiplos sentidos do ente em Aristóteles”, que leu ainda muito jovem.

Os vínculos de Brentano na Igreja católica o aproximaram da teologia e do tomismo, e estes o remeteram a Aristóteles. E foi precisamente a sua interpretação do Estagirita que constituiu um dos pontos altos do seu pensamento sobre a intencionalidade ou intencionalismo. Antes, porém, de explicarmos esse conceito, convém nos determos rapidamente num outro muito associado ao intencionalismo: **a fenomenologia**. Essa palavra tem origem grega e é feita pela combinação de *phainomenon* e *logos*.

Um exemplo de filosofia sistemática é a de Kant. É sistemática porque ao dar resposta para a pergunta que compete ao domínio da ética, “o que é correto de se fazer?”, por exemplo, acaba por responder também a responder às questões das outras áreas gerais da Filosofia: Ontologia e Teoria do Conhecimento

A palavra *phainomenon* quer dizer o que aparece, o que se mostra, o que se torna presente; a palavra *logos*, por sua vez, quer dizer razão, estudo, reflexão. Daí porque por fenomenologia entende-se a ciência ou o estudo dos fenômenos ou daquilo que aparece. Mas aquilo que aparece, aparece geralmente em mim (mente, alma, consciência) ou fora de mim (natureza).

Os fenômenos, portanto, aparecem ou se mostram em dois reinos aparentemente distintos: no mundo físico e no mundo da consciência. E aqui encontra-se a importância do outro conceito brentariano: **a intencionalidade**. Ou seja, os fenômenos psíquicos ou físicos só aparecem por que a consciência originariamente se dirige para eles. A intencionalidade é precisamente este ato em que a consciência se dirige para aquilo de que ela é consciente, isto é, para aquilo que se mostra no mundo psíquico ou físico. Aquilo que aparece, o fenômeno, só aparece porque a consciência já está

dirigida para ele. A palavra intenção significa, portanto, que tudo o que existe se mostra num cenário em que a consciência se dirige para o que aparece.

Daí que mesmo na vida cotidiana quem tem uma intenção visa sempre fazer algo ou se comprometer com algo, se diz frequentemente que fulano ou beltrano são bem ou mal intencionados, que não se teve a intenção disto e daquilo. Enfim, a intenção indica uma ação. **A fenomenologia, portanto, tem como pressuposto a intencionalidade da consciência.** Posto nestes termos, e embora o próprio Brentano destaque o caráter ou ponto de vista experimental da psicologia há aqui uma clara assimetria em que o idealismo intencional contrapõe-se ao realismo extencional, pois o mundo físico só aparece porque a consciência se dirige para ele. Tudo que aparece depende da intenção consciente de que apareça. *Se não houvesse a intenção da consciência nada existiria, mas se nada aparecesse, a consciência não seria consciente de nada.* Brentano, é preciso advertir, praticamente não usa a expressão “fenomenologia”, o que será feito largamente pelos seus sucessores. Já a noção de intencionalidade, tão cara àquela, ele a recolheu de Thomas de Aquino. Antes de explicar essa noção é importante retomar brevemente a divisão brentaniana dos dois mundos, o psíquico e o físico, à medida que a solução para os dilemas da sua delimitação levou Brentano a reabilitar a noção de intencionalidade.

Busque ter bem clara o significado dessa frase, já que ela é fundamental para a compreensão do que segue nesse capítulo.

1.1 A INTENCIONALIDADE

A época intelectual de Brentano foi o século XIX no qual as ciências naturais tiveram um grande desenvolvimento. Um dos temas dessa época foi o de precisar os fundamentos da psicologia, pois à medida que a fisiologia se desenvolvia se tornava cada vez mais difícil estabelecer os limites entre o psíquico e o físico. A metafísica cartesiana já havia esboçado soluções a partir da teoria do conhecimento, mas elas eram insuficientes para o novo estágio científico. Brentano, porém, como estudioso do aristotelismo definia a psicologia como o estagirita o fizera, isto é, como ciência da alma. Ou melhor, como ciência das vivências da alma. Ora, para quem teve formação católica a alma é imortal. E durante toda a sua

vida Brentano se ocupou com esse assunto. E tentou formulá-lo nos termos da psicologia. Kant mesmo concebera a imortalidade alma como uma idéia reguladora. No entanto, o cientificismo do século XIX rejeitava fundamentar a psicologia nos termos de um substrato substancial (o eu) imortal. E mais, se via às voltas com a possibilidade de, por um lado, descambar para o associacionismo, isto é, a psicologia associacionista deixaria o mundo subjetivo totalmente entregue *à flutuação das representações mentais*. Ou seja, o associacionismo ameaçava jogar o âmbito da consciência na total arbitrariedade. Por outro lado, a psicologia corria o risco de reduzir-se à fisiologia. Contra essas dificuldades reagiu Brentano. Isto é, para ele a ciência psicológica não poderia ser constituída desde um mundo interno flutuante e sem unidade, mas tampouco poder-se-ia assumir a versão da psicologia que privilegiaria seu aspecto *puramente externalista*. Ora, para Brentano a concepção aristotélica de uma ciência da alma, isto é, de uma ciência que trata da parte mais estilizada e refinada da vida, permanecia em pé. E ela é possível porque, e antes de tudo, é um fato facilmente comprovável de que assim como há fenômenos físicos há também fenômenos psíquicos. Pois como negar que tanto quanto vejo uma paisagem, também posso imaginá-la? A vitalidade aristotélica da alma é, por Brentano, posta nestes termos:

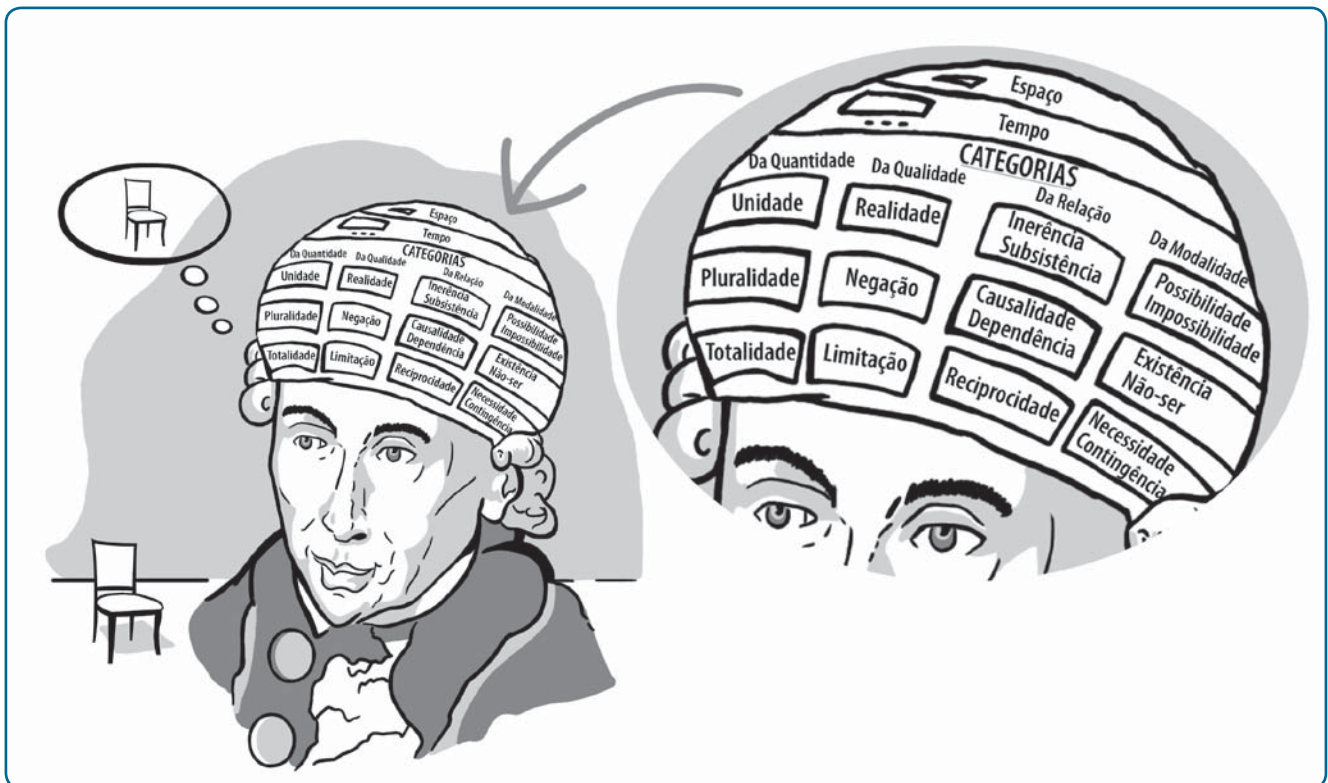
Em linguagem moderna a gente entende a alma com o substrato substancial de representações assim como de outras propriedades que, tal como as representações, têm o caráter de não serem imediatamente perceptíveis e que isso ocorre graças a essas experiências internas que, enquanto tais, pressupõem também representações: é assim, portanto, que se tem o hábito de chamar de alma o substrato substancial de uma sensação, de uma imagem, de uma recordação, de uma esperança, ou de uma crença, de um desejo ou de uma recusa (PPVE, p. 27). (Brentano, F. *Psychologie du point de vue empirique*, trad. Maurice de Gandillac, Paris: Aubier, 1943. Para a citação dessa obra empregaremos a abreviatura PPVE, seguida da página correspondente.)

Posto nesses termos, o mundo psíquico é feito de representações na unidade de um substrato substancial: alma, consciência, sujeito ou eu. **Dar conta desses fenômenos internos é o objeto da psicologia como ciência.** E, nesse sentido, a modernidade segue o que há muito fora vislumbrado por Aristóteles. A definição da

Conforme a psicologia associacionista, nossa subjetividade depende das representações mentais e essas variam de pessoa para pessoa e numa mesma pessoa já que concebe também que tais representações flutuam. Isso acaba por remeter nossa subjetividade a nenhum padrão de referência.

Esse padrão é aquele que remete a psicologia às condições fisiológicas do ser humano.

ciência psicológica, porém, foi assunto de muitos outros pesquisadores, como John Stuart Mill, Wundt, Fechner, Lotze, etc. Está fora de nosso propósito focalizar o que esses autores pensavam, mas apenas lembrar que, tomados em conjunto, eles estão envolvidos com as dificuldades de delimitar o campo psíquico do físico ou fisiológico. No entanto, de modo negativo Brentano resume a distinção entre os fenômenos psíquicos e os físicos. Os físicos se caracterizam por ocorrerem no espaço e por terem uma localização precisa, como os que pode ser vistos ou ouvidos, já o pensamento, a vontade não tem extensão e, por conseguinte, localização espacial. Ou seja, os fenômenos psíquicos não comportam nem extensão nem localização. Mesmo Kant considerou o espaço como forma do sentido externo. O domínio dos objetos corresponde ao mundo exterior, enquanto a experiência subjetiva diz respeito ao mundo interior. O mundo objetivo caracteriza-se pela extensão, já o subjetivo pela ausência dela.



Em Kant, os fenômenos físicos são objetivos. Isto é, todos os indivíduos podem ter acesso a eles por meio do mesmo caminho e com isso terem uma mesma compreensão do mesmo. Esse caminho é a concepção de um tal objeto no espaço e no tempo, a qual você acompanhou os detalhes na disciplina História da Filosofia III deste curso, e por meio de categorias. Essas últimas estão presentes em todos os objetos externos a nós, os fenômenos físicos, porém como elas aparecem varia de objeto físico para objeto físico. Nossa investigação nesse momento é verificar se existe um caminho seguro para se alcançar os objetos internos: nossos pensamentos.

Mas, mesmo essa distinção foi questionada por muitos, pois até que ponto o mundo interno e o externo não se misturam. Por exemplo, **uma paisagem triste num dia outonal e chuvoso?**

E mais, as sensações de prazer e dor têm uma relação complexa com os órgãos sensoriais, pois uma perna amputada pode ainda continuar doendo. Uma definição negativa, portanto, é insuficiente para caracterizar o mundo psíquico. E Brentano se pergunta se não é possível então encontrar uma definição positiva para os fenômenos psíquicos que mais precisamente os distinga dos físicos. E ele a encontra na noção escolástica de “intencionalidade”. Nas suas palavras:

O que caracteriza todo fenômeno psíquico é o que os escolásticos da Idade Média chamaram de inexistência intencional (*Inexistenz par présence*) (ou mental) e que nós poderíamos chamar – usando expressões que não excluem de todo equívocos verbais - de relação a um conteúdo, direcionar-se para um objeto ou objetividade imanente. Desse modo, todo fenômeno psíquico contém em si algo de objetivo, mas cada qual a seu modo. E assim, na representação é sempre uma coisa que é representada, no juízo qualquer coisa que é aceita ou rejeitada, no amor qualquer coisa que é amada, no ódio qualquer coisa que é odiada, no desejo qualquer coisa que é desejada, e assim por diante (PPVE, p. 102).

Portanto, a presença intencional diz respeito às representações, mas à medida que elas se “dirigem para um objeto”. E esse “dirigir-se para” das representações já é a ação intencional. Em tudo isso, uma pergunta sobressai: Em que Brentano se diferenciava dos outros psicólogos além da sua inarredável afirmação de que a psicologia trata das representações (*Vorstellungen*)? E a resposta está precisamente no modo executivo-intencional em que ele entendeu o âmbito das representações. Ou seja, no fundo da sua psicologia se encontra ainda a vitalidade ou animosidade da psique aristotélica. Por isso, para Brentano representações não são meras cópias ou reproduções passivas, pois “toda representação



Não está nessa imagem conectado o sentimento de tristeza com a coloração cinzenta do dia chuvoso?

sensorial ou imaginativa pode fornecer exemplos de fenômenos psíquicos. E por representação eu entendo aqui não o que é representado, mas o ato de representar”. Mais resumidamente: “Faz-se necessário acrescentar mais uma vez que nós não chamamos de representação o objeto representado, mas o ato mesmo pelo qual nós representamos” (PPVE, p. 93, 94). E isso vale para as sensações como, por exemplo, de frio e calor; para a visão de um objeto colorido. Todos são, portanto, atos representativos como também é o ato de pensar uma noção geral, ou seja, os casos em que se mostram o julgar, crer, imaginar, duvidar, etc. Do mesmo modo, o âmbito das emoções, como a alegria, tristeza, fé, esperança, coragem, cólera, amor, ódio, desejo, vontade, intenção, admiração, desprezo, etc. Aliás, os fenômenos psíquicos da vontade e das emoções, para Brentano, fazem parte do mesmo conceito.

O mais relevante é que todos os fenômenos psíquicos são marcados pelo caráter positivo da intencionalidade. Daí pode-se entender a famosa assertiva: “Toda a consciência é consciência de alguma coisa”. E isso quer dizer que a consciência é a ação de dirigir-se para, isto é, a consciência não pode ser hipostasiada. A hipostasiação seria o decair da consciência na meramente e ilusória estabilidade do extensionalismo.

E ainda, como alertou Wolfgang Stegmüller, os juízos que por muitos psicólogos eram concebidos apenas como ligações entre representações adquirem agora – intencionalmente – o caráter de vivências psíquicas próprias.

As vivências intencionais seriam então basicamente **de três**

ordens:

1. Representações (imaginações).
2. Juízos.
3. Fenômenos emocionais.

Mas, como vimos, todas pressupõem o ato intencional de representar. E isso quer dizer que os desejos ou apetites que, desde Aristóteles, também fazem parte do reino animal passam, segundo o

(Stegmüller, W. *Filosofia Contemporânea: introdução crítica*, São Paulo: EDUSP, 1977, vol. I, p. 25.)

destaque de Brentano aos atos de representação a serem o pano de fundo dos juízos e, portanto, do pensamento. Ao colocar a vontade junto das emoções, ela também estaria condicionada pelas vivências representativas e emotivas. E assim, tudo aquilo que foi considerado “irracional” é, por Brentano, entendido como a antecipação dos juízos teóricos. Ora, aqui se lançam melhores luzes sobre o caráter executivo da intencionalidade, pois “ter a intenção de” não é um dirigir-se para objetos estáveis, mas para objetos possíveis. Por exemplo, quando nadamos longe da praia temos um sentimento crescente do perigo que corremos. Pressentimos, portanto, o perigo. **Tal atitude é um fenômeno psíquico.**

O mesmo vale para todos os objetos, pois a noção de intencionalidade não implica “uma concepção de algum objeto, mas a antevisão de um objeto possível” (Müller-Granzotto, Marcos & Rosane Fenomenologia e Gestalterapia, São Paulo: Sumus editorial, 2007, p. 37.). Aqui, porém é preciso tomar cuidado, pois se poderia lembrar o argumento da teoria do conhecimento, pois como o sujeito que conhece, sente e se emociona sabe disso? Isso pressuporia testar aquele que conhece se seu conhecimento é verdadeiro ou falso, o que levaria a um regresso ao infinito. Segundo Brentano, esse engano se devia precisamente por **separar-se as representações do ato de representar**, por exemplo, a distinção entre o som e o ouvir o som, mas, como alertamos, se trata de um mesmo ato psíquico. Ora, foi precisamente por isso que Brentano recorreu, como lembra Stegmüller, à intencionalidade e à distinção entre consciência primária e secundária, isto é, :

A representação de um som e a representação da representação de um som formam um único fenômeno psíquico e é somente através da relação aos dois objetos, um físico (o som) e outro psíquico (ouvir), que nós o separamos conceitualmente em duas representações... temporalmente as relações duas surgem como simultâneas, mas na ordem das coi-



A percepção do perigo como o de nadar em alto mar, já é a consciência se dirigo a um objeto; no caso, a possibilidade de se perder ou se afogar em alto mar. Porém esse objeto pode, segundo Brentano, nem estar presente, como ocorre no exemplo, apenas ser possível.

sas, a primária é anterior, pois seria pensável uma representação de som sem a representação de ouvir, mas não o contrário, uma representação do ouvir sem a representação do som. (Stegmüller, op. cit., p. 34.)

Como se viu, foi no *aristotelismo tomista* que Brentano recolheu a noção de intencionalidade. Em PPVE ele constantemente volta a esse assunto.

Santo Thomas ensina que o objeto do pensamento é intencional no sujeito pensante, que o objeto do amor é intencional no sujeito amante, que o objeto do desejo no sujeito desejanste, e ele utiliza todas essas considerações para fins teológicos. Quando a Sagrada Escritura fala de uma execução intencional (*inhabitation*) do Espírito Santo, Santo Thomas nos explica que se trata de uma presença intencional por um ato de amor. E é assim que essa presença intencional que se revela no ato de pensar e pelo ato de amar que se pode buscar uma certa analogia para o mistério da Santíssima Trindade e a procissão *ad intra* do Verbo e do Espírito. (PPVE, p. 102, n.3).

Nessa leitura brentaniana pode-se notar a proximidade ou intimidade intencional entre pensar e amar, o que relativizaria as interpretações exageradamente intelectualistas de Santo Thomas. Mas outro tema se mostra aqui. Não é a consciência intencional fragmentada em sua complexidade interna? A multiplicidade dos atos intencionais não indicaria a impossibilidade de uma ciência que, pelo visto, do “ponto de vista empírico” só tem o nome? A resposta de Brentano é aqui clara: “A unidade da consciência é um fato bem conhecido e um dos princípios fundamentais da psicologia”. E acrescenta:

A unidade da consciência tal como ela sobressai com evidência do que nós percebemos internamente consiste nisto: todos os fenômenos psíquicos que simultaneamente se encontram em nós – por mais diferentes que sejam: visão, audição, representação, juízo, raciocínio, amor e ódio, desejo e aversão, etc. – sob a única condição de ser internamente percebidos como simultâneos, pertencem todos a uma só e mesma realidade; esses fenômenos constitutivos não coisas distintas nem partes de coisas distintas, mas pertencem a uma unidade real. Tal é a condição necessária, mas suficiente da unidade da consciência (PPVE, p. 171).

A operação do juízo cognitivo só pode ser feita tendo como pressuposto o pano de fundo dos intencionais das representa-

ções, mas isso tudo pressupõe a unidade da consciência. Portanto, essa unidade é tão necessária que não se trata de um objeto possível, mas real que nós percebemos internamente, como verdadeiro, isto é, de modo “evidente”. **O fato da unidade da consciência é um juízo de percepção interna e, como tal, evidente.** Nesse sentido, a concepção de verdade como *adequação do intelecto à coisa* se compromete com a imprecisão da experiência empírica e com a dificuldade de regresso ao infinito. Ao invés dessa concepção que se estende de Aristóteles a Kant, Brentano se pergunta sobre qual experiência ou vivência está na base do conceito de verdade. E sua resposta é: a vivência da evidência. Ou seja, “a evidência não é algo posteriormente definível; só podemos experimentá-la na realização de juízos imediatamente evidentes”. Nesse caso, há vários tipos de juízos; os de percepção externa, os de percepção interna, os juízos de recordação e os axiomas (como os princípios da identidade e da não-contradição). **E, para Brentano, apenas os axiomas e os juízos de percepção interna são evidentes.** E esse é o caso da unidade da consciência, pois se as representações do mundo externo são sempre precárias e imprecisas, o mesmo não se dá com as representações internas, pois, o fim e ao cabo, ainda nas palavras de Stegmüller, *“apenas os juízos psíquicos tem existência efetiva”*. E isso quer dizer que não existem idéias inatas ou pensamentos meramente inefáveis pertencente a um mundo platônico, pois não há nada independente do ato efetivo de pensar, querer, imaginar, etc. Aliás, tanto o mundo ideal, como mundo externo com seu feixe de impressões vacilantes que não passam de ficções, pois “o que existe nesse caso, na verdade, é pura e simplesmente o ato correspondente, mais exatamente o respectivo portador desse ato. Não existem cores e sons, mas apenas aquele que vê a cor e ouve o som” (Stegmüller, op. Cot., p. 33).

As intervenções de Brentano na psicologia deram-se sob a influência da tradi-

Essa adequação ocorre em Kant, e você já teve oportunidade de rever nessa disciplina através da ilustração da “touca de Kant”.



Visão aérea do estádio de futebol Morumbi, estádio localizado em São Paulo. Nossa experiência externa deste objeto, assim como de qualquer outro, é precária, porém nossa experiência interna deles é efetiva. Tenha claro os argumentos de Brentano para conceber essas experiência desse modo e a compreensão do que é uma existência efetiva nesse autor.

ção aristotélica e tomista. Não por acaso uma das suas grandes preocupações foi a de explicitar uma doutrina das categorias, mas, pelo visto, também estas teriam de se submeter aos atos intencionais. Sua obra como alertamos se estende para questões éticas, metafísicas e teológicas, que não poderemos desenvolver aqui. Restam apenas lembrar que no núcleo de seu pensamento está a noção de intencionalidade e que, como veremos, foi precisamente ela que influenciou a fenomenologia transcendental de Husserl.